

HERMENÊUTICA E PSICANÁLISE: DISPARIDADES E COMPLEMENTARIDADES NA INTERPRETAÇÃO

Isabela Karina Santos*
Risolete Maria Hellmann*

Resumo: Este artigo refere-se ao estudo das complementaridades e disparidades entre a interpretação na psicanálise e na hermenêutica. Tomou-se, como ponto de partida, o pensamento de Freud, Lacan, Schleiermacher e Gadamer, entre outros. Os resultados revelam que a hermenêutica e a psicanálise convergem na sua concepção *compreensiva* na metodologia de pesquisa, valem-se, metodologicamente, da interpretação dos significados da linguagem (essência das pesquisas qualitativas), e buscam compreender o modo como os fenômenos se manifestam por meio da linguagem verbal ou não-verbal, levando em conta a subjetividade humana. Quanto às suas disparidades, pontuam-se: a perspectiva de mundo da mudança radical que a psicanálise se encontra e, por outro lado, a manutenção do *status quo* da hermenêutica, à natureza dos fenômenos de que tratam e as diferenças nas formas de interpretar.

Palavras-chave: hermenêutica, psicanálise, interpretação.

HERMENEUTICS AND PSYCHOANALYSIS: DIFFERENCES AND COMPLEMENTARITIES IN INTERPRETATION

Abstract: This article refers to the study of complementarities and differences in interpretation between psychoanalysis and hermeneutics. It was taken, as a starting point, the works of Freud, Lacan, Schleiermacher, Gadamer, among others. The results show that psychoanalysis and hermeneutics converge at the point where its comprehensive design methodology in research, using, methodologically, the interpretation of the meanings of language (essence of qualitative research) and seek understanding how the phenomena are manifested through verbal language or non-verbal, taking into account the human subjectivity. About their disparities, it is added: the prospect of world of radical change that psychoanalysis is and, secondly, maintaining the status quo of hermeneutics, the nature of the phenomena that they deal, and its differences in ways of interpreting.

Keywords: hermeneutics, psychoanalysis, interpretation.

Introdução

As pesquisas científicas desenvolvidas desde a modernidade revelaram, até o momento, um grande número de correntes de pensamento, tão diversas quanto contraditórias em alguns aspectos. Desta diversidade surge o debate, no século XX, sobre paradigmas em pesquisas desenvolvidas, inicialmente, a

partir do conceito de paradigma como “resolução de quebra-cabeças” de Kuhn (1962 apud MORGAN, 1980), dentro das ciências em geral.

Paradigma, para Morgan (1980, p. 4), é conceituado como uma “[...] rede de escolas de pensamento inter-relacionadas, diferenciadas na abordagem e perspectiva, mas que compartilham pressupostos fundamentais sobre a natureza da realidade de que tratam [...] São diferentes visões da realidade social.”

Já para Lewis e Grimes (2005, p. 45) “são premissas, práticas e concordâncias de uma comunidade acadêmica”.

Em cada um dos quatro paradigmas, estabelecidos por Morgan (1980) situam-se diversos métodos que se aproximam, ou pela visão de mundo (sociologia da mudança radical x sociologia da regulação), ou pela dimensão mais subjetiva ou mais objetiva da realidade. Os paradigmas denominados estruturalista radical e humanista radical são ambos regulados pela sociologia da mudança radical, mas diferem no foco, pois o primeiro é mais objetivo enquanto o segundo é mais subjetivo. Já os paradigmas funcionalista e interpretativista são regulados pela sociologia da regulação, ou seja, pela manutenção do *status quo*. No entanto, se diferenciam no sentido do primeiro ser mais objetivo (assim como o estruturalista radical) e o segundo ser mais subjetivista (assim como o humanista radical).

Nosso interesse, neste artigo, está localizado em dois desses quatro paradigmas: o humanista radical e o interpretativista. No primeiro, podem-se encontrar métodos científicos como a Psicanálise Clínica (FREUD, JUNG, LACAN), a Psicanálise Histórica e a Psicanálise Aplicada, a Escola de Frankfurt, a Teoria Crítica (MARX E LUKÁCS), a Linguagem da Vida Organizacional (CLEGG), entre outras. Alguns destes métodos centram seu interesse em patologias da consciência pelas quais os indivíduos se aprisionam dentro de fronteiras da realidade que eles mesmos criam e sustentam. Já a Psicanálise Clínica tem como foco o inconsciente, no entanto, para Freud (1986, p. 20) no texto *O inconsciente*, “[...] só o conhecemos como algo consciente, depois que ele sofreu transformação ou tradução para algo consciente. A cada dia, o trabalho psicanalítico nos mostra que esse tipo de tradução é possível.” Esta “tradução”, ou “transposição” pressupõe um novo texto, ou seja, linguagem. No segundo, encontram-se métodos como: o Interacionismo Simbólico, a Fenomenologia (E. HURSEL), a Etnometodologia, a Etnografia, o Pós-modernismo e a Hermenêutica. Neste paradigma, a Ciência é concebida como uma rede de jogos de linguagem, baseados em conceitos e regras subjetivamente determinados. A linguagem é um modo de estar no mundo.

Neste sentido, pensar uma pesquisa científica que sobreponha e

entrelace dois métodos que, a princípio, sejam regulados por perspectivas de mundo diferentes, apesar da coincidência na ênfase da subjetividade, pode parecer problemático e a pesquisa corre o risco de perder sua validade e fidedignidade. No entanto, uma questão é comum tanto na psicanálise, quanto na hermenêutica: a interpretação, a qual não pode ser pensada de forma dissociada da linguagem. Partindo desse ponto de vista, pode-se indagar: Quais as complementaridades e disparidades entre a interpretação na psicanálise e na hermenêutica?

Assim, estabelece-se como objetivo deste artigo: sobrepor e entrelaçar a psicanálise e a hermenêutica com o intuito de revelar suas disparidades e complementaridades no que tange a interpretação.

Para tanto, buscou-se fundamentos teóricos sobre os diferentes paradigmas em Morgan (1980); sobre a interpretação em psicanálise em Freud (1986), Lacan (1998), Puglia (1999), Aguiar (2002), Safra (2003); e sobre o método da hermenêutica em Schleiermacher (2006), Gadamer (1997), Carvalho e Grun (2005), entre outros. Assim como, Ricoeur (1986) e Gouvêa (1993) também foram a base para questões relacionadas à interface da hermenêutica e psicanálise.

A interpretação na psicanálise

Desde Freud, o método de pesquisa em psicanálise e a clínica se confundem. Foi através de suas considerações clínicas que Freud foi desenvolvendo a teoria psicanalítica. Assim, conceitos importantes como inconsciente, recalque, pulsão, transferência, etc., bem como a única regra vigente na psicanálise – a associação livre – foram definidos a partir da interação com seus pacientes.

Tem-se, assim, na origem e na história do desenvolvimento da psicanálise, o modelo de pesquisa com base na experiência clínica, que compreende um diálogo permanente entre teoria e prática. Como afirma Safra (2003, p. 120), *“a articulação teórica sem referência à clínica corre o risco de aproximar-se das manifestações de pensamento delirante. A clínica sem a conceitualização teórica pode perder-se na indisciplina de uma prática onipotente e sem rigor metodológico.”*

Segundo Aguiar (2002, p. 17), *“a pesquisa em psicanálise apresenta uma particularidade, segue seu próprio método que tem como base a interpretação das produções inconscientes, que se tornam possíveis a partir das associações dos pacientes, da atenção flutuante por parte do analista, além de outros aspectos da*

clínica, entre eles a situação transferencial e a neutralidade analítica.”

Em sua atividade clínica, Freud percebeu que na medida em que as pessoas falavam de seus sintomas, estes desapareciam sem que ele tivesse feito qualquer intervenção direta. E pode-se dizer que essa foi uma de suas grandes descobertas: a linguagem produzia efeitos terapêuticos, pois através dela seria possível transformar nossa realidade, mais tarde definida por Lacan como nossa realidade de gozo, isto é, daquilo que vai além do prazer, que também traz sofrimento (NOGUEIRA, 2004, p. 19).

Para Lacan (1964/1998, p. 26), o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Em seu seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, ele aponta que é a linguística *“que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetável”*.

Foram nos tropeços da fala, da linguagem, identificados no discurso do sujeito, nos seus atos falhos, chistes, sonhos e sintomas que Freud descobriu que o inconsciente se manifestava. Podemos perceber isto quando Lacan (1998, p. 30). afirma que *“Tropeço, desfalecimento, rachadura. [...] O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se se apresenta como um achado”*.

Lacan nos ensina que esses equívocos da língua denunciam um gozo instalado e, a partir deles surge a série de significantes primordiais, o desenvolvimento da cadeia significante, tão particular a cada sujeito.

No início de suas descobertas Freud relacionava a interpretação das formações inconscientes à busca de um significado. No caso dos sonhos, este era obtido pelo próprio sonhador a partir de suas associações, que proporcionavam acesso a algum conteúdo recalcado, oculto. Assim, o trabalho interpretativo visava *“tornar consciente o inconsciente”* (PUGLIA, 1999, p. 51).

Puglia (1999, p. 53) afirma que, na visão de Lacan, a interpretação pode visar três pontos: o significado; os significantes que estavam ocultos; e a interpretação do *“dizer”* e não dos *“ditos”*. Segundo a autora, Lacan considerava que a interpretação que realmente provocava efeitos na estrutura do sujeito, era aquela que deveria ir além *“do que se diz”*. Puglia afirma ainda que:

[...] se formos rigorosos com as definições de Lacan, a interpretação é do dizer sem dito, em que não se faz o uso da palavra, e sim da letra, e esse dizer se conecta ao próprio dizer do analisando. Para Lacan o analista se auto-elimina, se subtrai em seu discurso, apesar de pagar com o seu ser. Em *L'Étourdit*, Lacan chegou a expressar que a interpretação deveria ser exclusivamente um equívoco, mantendo essa tese até o final

de seu ensino. (PUGLIA, 1999, p. 56).

A proposta da interpretação como equívoco é a de que uma via fique aberta para que o analisando possa escolher entre diversos sentidos. Na clínica, *“ao se utilizar essa forma de interpretar, está se evitando o discurso do mestre, ou seja, que o ponto de vista do analista seja imposto”* (PUGLIA, 1999, p. 57).

Puglia (1999) ressalta que interpretar, visando o significado, não é uma prática que Lacan considerasse totalmente ineficaz. Nunca julgou ser proibida ou descartada, pelo contrário, pode em alguns momentos vir a ser útil. Pontua, no entanto, que ela não resolve de modo algum o enigma do sujeito, apenas o desloca.

No Seminário 11, Lacan vai apontar que o mais interessante na interpretação como significação não é o significado produzido, mas os significantes pelos quais é formulada. Conclui que *“o interesse da interpretação significativa é o decifrar, fazer aparecer um significante que estava faltando ao sujeito, mas que se encontrava latente em seu discurso”* (LACAN, 1988 apud PUGLIA, 1999, p. 58).

Outras formas de interpretar, sugeridas por Lacan, que a autora se refere são: *“a pontuação, que garante a significação, marcando uma enunciação do sujeito; o corte da sessão, que se opõe a pontuação, e visa fazer um recorte, entalhar, esculpir as significações; a intervenção por alusão, um enunciado que participa do silêncio, que deixa entender sem formular; a citação, que sublinha algo enunciado pelo sujeito; e o enigma, um enunciado sem mensagem, um dizer sem proposição”* (PUGLIA, 1999, p. 59).

Todos esses modos de interpretar compartilham de um “dizer nada”, o que não significa que eles nada profiram. Estão inseridos no último ensino de Lacan, que propõe um corte na corrente infundável de sentidos simbólicos à qual o neurótico se prende, a partir da inclusão do terceiro registro, o Real. São essas intervenções, no âmbito desse registro que é possível defrontar o analisante com o sem-sentido da vida. Segundo Remor (2002, p. 90), *“talvez aí esteja algo do que soa no termo forçage, como que pela força, de vez que não há outra escolha”*.

Hermenêutica: formas de interpretação

A hermenêutica, ciência ou a arte da interpretação, teve sua formação histórica iniciada com os gregos, que buscavam através dela compreender seus poetas. Gadamer (1986, p. 102) diz que a hermenêutica é tão antiga quanto a filosofia e explica sua origem na mitologia grega. Hermes, o deus com asas no

chapéu e nas sandálias, é o mensageiro de Júpiter (seu pai) e com destreza e habilidade levava os significados a quem era enviado. O desenvolvimento dessa ciência se dá na tradição judaico-cristã, como forma de interpretar a “verdade” dos textos bíblicos (BRAIDA, 1995 *apud* SCHLEIERMACHER, 2006, p. 2).

Com o Renascimento, de acordo com Braidida (1995, *apud* SCHLEIERMACHER, 2006, p. 7), têm-se três tipos básicos de técnica de interpretação: “*hermenêutica teológica (sacra), filosófico-filológica (profana) e jurídica (juris)*”. Schleiermacher, em seus estudos de hermenêutica, segue tanto a tradição exegética da teologia protestante, como a filologia clássica do final do século XVIII, nos quais se encontram o antigo ideal exegético de reconstituição do sentido original de um texto. Para Carvalho e Grun:

Schleiermacher foi o primeiro a desenvolver a concepção de círculo hermenêutico. Para Schleiermacher, a compreensão se dá sempre de uma forma circular, oscilando numa relação recíproca entre o singular e o todo do qual esse singular faz parte. Schleiermacher desenvolveu essa estrutura entre o todo e as partes no âmbito da interpretação de textos. (CARVALHO E GRUN, 2005, p. 1).

A partir de uma exigência filosófica, ocorre uma reorientação desse ideal, agora com foco na análise das condições gerais sob as quais a compreensão ocorre e no fornecimento das razões do processo de interpretação. Em meados do século XIX, esse conceito foi associado à justificação metodológica das ciências humanas. (BRAIDA, 1995 *apud* SCHLEIERMACHER, 2006, p. 6).

Dessa forma, como base das ciências histórico-filológicas, a hermenêutica de Schleiermacher é apontada por Dilthey “*como fundamento geral das ciências humanas ou ciências do espírito, contra a pretensão hegemônica da metodologia positivista das ciências naturais experimentais*” (BRAIDA, 1995 *apud* SCHLEIERMACHER, 2006, p. 7).

De acordo com Carvalho e Grun (2005, p. 1), Dilthey alarga o campo da hermenêutica para todo o domínio da compreensão histórica ou das ciências humanas, por meio da compreensão do particular a partir do todo, e deste a partir do particular. “*Para Dilthey é necessário entender um texto a partir dele mesmo. Isso designa compreendê-lo objetivamente, uma vez que ele é a manifestação individual de um contexto mais amplo.*” Em outras palavras, para ele, os sentidos de um texto estão inseridos nele, não importando a intencionalidade do autor, nem o conhecimento prévio do interpretador. Desta

forma, a linguagem é reduzida à unidade mínima que é o significado da palavra na frase.

Gadamer (1988, p. 131) explica que o fracasso de Dilthey se deve, justamente, à característica da objetividade pretendida por ele na concepção metodológica do processo de interpretação.

Braida (1995, *apud* SCHLEIERMACHER, 2006, p. 9) defende, ainda, que esse modelo de apreensão do sentido, como essência do método das ciências humanas, vai questionar o próprio conceito de objetividade científica, visto que na compreensão hermenêutica, tem-se: a inserção do pesquisador (no entendimento da história e da linguagem); o resultado da compreensão (que seria a própria ciência); a mútua dependência constitutiva entre a parte e o todo (e não a compreensão por mera indução); e também a referência a um ponto de vista.

Estabelece-se, assim, um divisor de águas entre as ciências humanas (concepção compreensiva, que visa apreender as significações intencionais das atividades históricas concretas do homem) e as ciências naturais (concepção explicativa, quantitativa e indutiva, que procura determinar as condições casuais de um fenômeno a partir da observação e da quantificação). Entre as concepções compreensivas estão a sociologia de Weber, a psicanálise de Freud, a metodologia empírico-qualitativa na historiografia, entre outras (BRAIDA, 1995 *apud* SCHLEIERMACHER, 2006, p. 13).

Posteriormente, Gadamer, no seu livro *Verdade e Método*, faz uma virada hermenêutica nova e definitiva: Ele critica a forma de interpretação opaca como princípio, e insere a interpretação do texto no contexto com características do acontecer da tradição na história do ser. Isto é, a prática da interpretação ganha um caráter existencial, pois a presença do interpretador no processo passa a ter importância, ou seja, como Gadamer (1998, p. 144) enfatiza, “[...] *tem seu sentido afirmar que o intérprete não aborda o 'texto' a partir de sua inserção no preconceito prévio; e sim, que põe expressamente à prova o preconceito no qual está instalado, isto é, põe à prova sua origem e validade*”.

O leitor, interpretador de um texto quando vai ao texto antecipa possíveis sentidos do conjunto, e, na medida em que confronta suas (pre)visões com o que encontra, faz constantes revisões que acabam por aprofundar o sentido do que está em questão. Esse conhecimento prévio do interpretador, como qual ele elabora um projeto de interpretação, Gadamer (1988, p. 146) denomina como “*antecipação de completude*”.

Assim, para Carvalho e Grun (2005),

[...] a intenção de Gadamer é livrar o círculo hermenêutico do historicismo ingênuo, mostrando como é que se constitui verdadeiramente a ciência da história como uma experiência. [...] Gadamer, no entanto, diz que a razão não é dona de si mesma, a história, manifestada através da tradição é anterior a qualquer compreensão. Somos nós que pertencemos a história e não ela a nós. Gadamer, portanto, qualifica e reabilita os preconceitos. Para Gadamer o círculo hermenêutico não deve ser concebido de maneira puramente formal. Existe uma circularidade hermenêutica na qual o intérprete se faz um mediador constituinte entre o texto e a totalidade que o texto subentende. (CARVALHO E GRUN, 2005, p. 1).

Essa circularidade hermenêutica pode ser relacionada às várias possibilidades de interpretação de um texto, ou seja, os sentidos circulam no processo interpretativo e dependendo de quem é o interpretador, ou do momento histórico ao qual pertencem os sentidos podem ser outros. Cada interpretador deve levar em conta essas múltiplas possibilidades e ser um mediador entre esses sentidos da história que o antecipa.

Outra grande contribuição de Gadamer (1988), com sua hermenêutica filosófica, é o fato de nos alertar sobre a impossibilidade de compreender a totalidade e a verdade de um texto. Como afirma Gouvêa (1993, p. 113) *“Gadamer desenvolveu uma hermenêutica que fala da ‘fusão dos horizontes’ do autor e do leitor [...], ou seja, o impacto de seu pensamento vai na direção da unidade de sentido e na continuidade da experiência e tradição humanas.”* São as experiências humanas que fazem com que a história e seus sentidos sejam mutáveis, assim como fluam constantemente, por isso as verdades não podem ser reivindicadas. Ainda conforme Franco (1993, p. 115), *“a verdade não passa de ficção útil de nosso tempo”*. Pensando dessa forma, como se pode reivindicar que as interpretações textuais se constituam como verdades?

Interpretação: psicanálise X hermenêutica

Colocar a Psicanálise e a Hermenêutica face a face não é uma tarefa fácil, em função da abrangência e das ramificações próprias de cada uma das disciplinas. Sem negar a autonomia de cada área, não só pela visão de mundo e do homem, pois enquanto a psicanálise está situada na sociologia da mudança radical, a hermenêutica pressupõe a manutenção do *status quo*, há várias possibilidades de estabelecer relações entre os termos, e isto se sobrepõe, neste artigo, às próprias disciplinas e seus métodos de pesquisa particulares.

Em cada método existem limites, assim como existem modos de ultrapassá-los quando o pesquisador usa lentes múltiplas, as interliga para compreender um mesmo fenômeno.

Enquanto métodos de pesquisa, Franco (1993, p. 117) aponta três possibilidades de inter-relacioná-las: (a) Hermenêutica da Psicanálise: entendida como uma reflexão filosófica, inspirada e oriunda da psicanálise, que incorpora as descobertas freudianas e eleva ao nível filosófico os resultados analíticos por meio da interpretação do homem e do mundo. É uma reflexão, que parte dos conceitos psicanalíticos (mesmo que não passe pela clínica) sobre a consciência imediata, abandona a ingenuidade e segurança desta e reconhece o inconsciente como localidade psíquica que necessita ser interpretado, ou seja, “*traduzido*”; (b) Hermenêutica para a Psicanálise: Esta não se origina na psicanálise, mas se aproxima dela para interpretá-la. É uma avaliação filosófica da psicanálise; (c) Psicanálise da Hermenêutica: compreendida como uma elucidação de uma possível base pulsional nas disciplinas interpretativas.

Como se vê, há vários modos de interpretação de dados e cada leitura é essencial e deve ser conservada pelo seu próprio valor. A hermenêutica é justamente essa busca do sentido pela via da interpretação, ou seja, enquanto teoria, ela preside a interpretação de textos. Necessário se faz, aqui, lembrar que o termo *texto* teve, ao longo do tempo, muitas conceituações, mas neste artigo o entendemos como um conjunto de signos coerentes e possíveis de serem decodificados, compreendidos e interpretados. Texto, portanto, é constituído por linguagem verbal (palavras), ou não verbal (símbolos, imagens, etc.) produzidas pelo Ser humano inserido em um contexto social. Já a psicanálise freudiana também procura compreender e interpretar os sentidos latentes, para além dos sentidos aparentes, além de ser uma energética que explica as forças em jogo do psiquismo humano. Isso reafirma a dimensão subjetiva da interpretação, tanto da psicanálise quanto da hermenêutica.

As mais diversas correntes hoje têm como foco a questão da linguagem humana, mas dado a sua diversidade de formas de manifestação; a sua ambigüidade, tanto no nível da palavra, quanto da frase ou, ainda, do que é simbólico; várias são as disciplinas, as teorias dentro da ciência da linguagem, do mesmo modo, várias são as formas de interpretação. No entanto, quais dessas teorias seriam as mais indicadas para dar conta do que a psicanálise entende por linguagem e o que a hermenêutica entende por linguagem?

Ricouer (*apud* FRANCO, 1993, p. 117) afirma que o domínio hermenêutico é o da interpretação simbólica. Porém, enquanto reflexão filosófica, o que

predomina é a racionalidade e o símbolo é o mito (contestável pela ciência). A reflexão pressupõe um trabalho de reapropriação da consciência de si mesmo manifestado nos signos e obras humanas esparsos na cultura. Por outro lado, a interpretação psicanalítica do símbolo está contida no domínio da hermenêutica da dupla significação.

Para Franco (1993, p. 132), na hermenêutica, dois estilos de interpretação se destacam: (a) o estudo dos símbolos do sagrado, entendido como a manifestação e restauração de sentido e, neste caso, o interpretador acredita na realidade da mensagem. Esta se dirige a ele por meio da linguagem, ele espera algo dela, por isso a interpretação é carregada de intencionalidade. Neste caso, os símbolos são manifestações de sentido e rompe-se com a neutralidade científica; (b) O estudo dos símbolos da psique: entendido como a hermenêutica do exercício da suspeita, a desmistificação e redução das ilusões, ou seja, interpretar é retirar a máscara, é uma denúncia da dissimulação. Duvida-se que a consciência seja o que aparenta ser e propõe-se um método de superação desta dúvida. Inicia-se pela suspeita sobre as ilusões da consciência e procura-se decifrá-la até chegar a um sentido.

Assim, a tarefa do pesquisador é promover a articulação do lingüístico (linguagem simbólica) e do não lingüístico (a experiência vivida) ao nível do texto. Ou seja, o texto não pode ser interpretado sem levar em conta as condições de produção e recepção do texto, isto é, quem o interpreta, quem o produziu, onde e quando foi produzido, pois o símbolo (linguagem) aponta para o extralingüístico.

Para Franco (1993, p. 197), “[...] o símbolo como objeto de estudo da hermenêutica pertence a uma classe mais ampla de objetos que expressam a ambigüidade [...]”. Em outras palavras, a multiplicidade de sentidos, resultantes da interpretação, expressa a própria natureza múltipla e diversa da vida e do Ser. Por exemplo, na psicanálise, o texto se refere ao desejo, à pulsão; mas de outra perspectiva, quando envolve a crença no sagrado, o símbolo se refere à experiência.

Como já foi dito anteriormente, na psicanálise, a interpretação pode ser dos sonhos, de sintomas, assim como da fala do paciente, os quais, a princípio, se constituem em textos obscuros. Mas todo esse material analítico, quando “traduzido” para um novo texto mais “claro”, é visto como representação que pede uma interpretação. Como afirma Franco (1993, p. 214), “o inconsciente freudiano não surge a partir de uma reflexão, mas a partir da técnica analítica.” Freud (1974, p. 27) diz que o sonho tem sentido, que não é fortuito, não é visto organicamente, mas adota uma visão lingüística do sonho. Para ele, o texto do

sonho é relatado e é a interpretação que faz esta operação, justapondo um texto obscuro (imagens) a outro (falado ou escrito) de mais fácil compreensão.

Apesar da similaridade com a hermenêutica simbólica, a psicanálise diverge desta, pois, para Freud (1974, p. 41), esta não pode se restringir ao nível das relações de sentido, porque não se pode (des)cobrir o desejo que o sonho realiza disfarçadamente, sem levar em conta as forças que entram em jogo nessa dissimulação.

De tudo o que foi dito, o que se evidencia é que a linguagem é um lugar de encontro entre a psicanálise e a hermenêutica. Entretanto, não é de uma linguagem comum que elas se servem, ou são estruturadas, mas, sim, da linguagem simbólica. Esta não pode, simplesmente, ser analisada do ponto de vista de Merleau-Ponty, o qual toma a linguagem somente como fala, como pura expressão do sujeito. Também não é possível analisá-la da perspectiva de Saussure, para o qual se deve levar em conta que a linguagem não é só língua, portanto social, mas é também fala (*parole*), ou seja, é individual. Assim como, não se pode ficar ao nível da interpretação das palavras, pois, a rigor, só há sentido concreto nas palavras onde ocorre a frase situada no contexto. Na proposta de Saussure (a polissemia mantém a interpretação no nível das palavras, pois se limita ao funcionamento da linguagem, isto é, a relação entre as palavras e o contexto não é considerada. Em uma perspectiva discursiva, Bactkin (1981), por sua vez, afirma que um enunciado deve ser compreendido dentro do contexto social e histórico em que é engendrado, levando em conta o processo de interação entre os interlocutores, a ideologia que perpassa seus discursos, assim como as construções identitárias dos participantes. Nesse sentido, quando o contexto sócio-histórico-cultural é levado em conta, os vários sentidos, não são somente das palavras num universo fechado, mas de todo o discurso pode ser interpretado de múltiplas formas no nível do texto. Mas isso não basta à hermenêutica e à psicanálise, pois, para estas, outros aspectos relativos à linguagem humana devem ser levados em conta. (FRANCO, 1983, p. 148).

Ricoeur (1988) afirma que a filosofia busca uma linguagem capaz de explicar as múltiplas funções do significar humano e suas relações mútuas dentro de uma cultura. Para ele, é através da linguagem que o ser humano expressa sua consciência, seu ponto de vista crítico do mundo. Quanto à psicanálise, Franco comenta que o desejo, mesmo quando dissimulado, por estar implícito nos textos produzidos pelas pessoas, pode ser interpretado de forma distorcida, pois nessa forma de linguagem múltiplos sentidos se ocultam e se revelam, por isso, ela é considerada simbólica. *“A psicanálise aparece então*

como portadora de um esquema de interpretação do duplo sentido da linguagem humana" (FRANCO, 1993, p. 74).

Desta maneira, entende-se que a psicanálise está hibridizada com a hermenêutica porque reclama por uma interpretação do homem a partir do seu desejo. Nas palavras de Franco (1993, p. 73), "*a psicanálise é um estilo de hermenêutica*", ela oferece subsídios para estudar a articulação entre desejo e linguagem, ou melhor, ela lida com as aparições lingüísticas do desejo.

Considerações finais

Ao explorar algumas articulações entre a psicanálise e a hermenêutica, principalmente no que diz respeito à questão da interpretação e, conseqüentemente, da forma como essas disciplinas concebem a diversidade da linguagem humana, encontraram-se pontos complementares e outros díspares. Este fato confirma as suas posições iniciais em paradigmas diferentes.

A disparidade remete à perspectiva de mundo da mudança radical em que a psicanálise se encontra e, por outro lado, a manutenção do *status quo* da hermenêutica, assim como à natureza dos fenômenos de que tratam. Para a hermenêutica, a interpretação de um texto, pressupõe a existência de um produtor do texto, do próprio texto, assim como de um interpretador dentro de um contexto. Mesmo com as divergências entre os diversos teóricos quanto à localização dos sentidos no processo hermenêutico, alguns consideram a existência e a possível influência desse contexto na interpretação. A realidade social é produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos. Já a psicanálise vincula suas análises à interpretação das produções inconscientes, ou seja, a atenção está voltada para o que há de simbólico na mente dos indivíduos. Estes aprisionados dentro de fronteiras da realidade que eles mesmos criam e sustentam precisam de uma mudança radical.

Quanto às convergências da psicanálise e da hermenêutica, vários aspectos foram ressaltados ao longo deste artigo, mas a ênfase está, especificamente, na questão da interpretação. Foi visto, por exemplo, que as ciências humanas (concepção compreensiva) tiveram suas origens nas considerações metodológicas propostas pela hermenêutica. E, estando a psicanálise inserida dentro dessa concepção, verifica-se que não há como dissociá-las.

Muito já se questionou sobre a cientificidade, ou validade, do método da psicanálise clínica. Em grande parte, estes questionamentos surgiram a partir de uma visão positivista e objetiva da realidade. Por exemplo, enquanto teoria,

ela não teria como satisfazer a lógica da prova, ou a validação empírica, como Franco (1993, p. 202) explicita a questão. Nas palavras do autor, a psicanálise “*não é uma ciência da observação, por isso não pode atender às demandas de epistemologia científica, primordialmente, positivista e objetiva, simplesmente porque esta desconhece o caráter da experiência analítica.*”

Isso não significa dizer que a observação não seja válida na psicanálise, pois no paradigma interpretativista, por exemplo, a observação é indispensável.

Além disso, a psicanálise não pode situar-se num paradigma positivista, pois não se podem reproduzir os fenômenos analisados.

Tanto a hermenêutica quanto a psicanálise valem-se, metodologicamente, da interpretação dos significados da linguagem e esta é a essência das pesquisas qualitativas. Nelas não se quer explicar causas e efeitos (como quer a visão positivista), mas compreender os fenômenos do modo como se manifestam por meio da linguagem verbal (palavras) ou não-verbal (simbólica), levando em conta a subjetividade humana.

Ao sobrepor e entrelaçar a psicanálise e a hermenêutica, neste artigo, compreende-se, acima de tudo, que a complementaridade dos modos de interpretação, bem como dos fenômenos interpretados “opostos” constituem-se como um oxímoro, ou seja, mesmo estando em paradigmas opostos são complementares.

Nota

* Doutorandas em Teoria Literária na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis/UFSC.

Referências

AGUIAR, Fernando. Comentários avulsos sobre a prática universitária da psicanálise. **Psicanálise**. Univ. de São Paulo. São Paulo, n.16, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BRAIDA, Celso. Apresentação. In: SCHLEIERMACHER, F.D.E. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação**. Tradução de Celso Reni Braidá. 5.ed. Bragança Paulista. Editora Universitária São Francisco, 2006.

CARVALHO, Isabel C. de M.; GRUN, Mauro. **Hermenêutica e Educação ambiental: o educador como intérprete**. 2005. Disponível em: <<http://www.teia.fe.usp.br/biblioteca.php?acao=mostrar&id=42>>. Acesso em: 10 de dez. 2008.

FRANCO, Sérgio G. **Hermenêutica e Psicanálise em Paul Ricoeur**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. E.S.B. Vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. O Inconsciente. In: **Obras Completas**. E.S.B. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1998.

LACAN, Jacques. (1964). **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEWIS, Marianne W.; GRIMES, Andrew. J. Metatriangulação: construção teórica com base em paradigmas múltiplos. 2005 In: CLADAS, M.; BERTERO, C. O. (Coord.) **Teoria das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.

MORGAN, Gareth. Paradigmas, Metáforas e Resolução de quebra-cabeças na Teoria das organizações. 1980. In: CLADAS, M.; BERTERO, C. O. (Coord.) **Teoria das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. **Psicol USP**. São Paulo, n.1-2, vol.15, Jan/Jun 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010365642004000100013&script=sciarttext>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

PUGLIA, Regina Cláudia Melges. A interpretação na psicanálise lacaniana. **Impulso**. n.26. Dez.99. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp26art04.pdf>>. Acesso em: 23 de nov. 2008.

REMOR, Carlos Augusto Monguilhott. **Da Hermenêutica à Psicanálise**. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

RIKOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologia**. Organização e Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. Du texte à L'Action, Essais D'Herméneutique. Paris: Seuil, 1986.

SAFRA, Gilberto. O uso do material clínico na pesquisa psicanalítica. In: SILVA, Maria Emília Lino da. (Coord.). **Investigação e Psicanálise**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SCHLEIERMACHER, Friedrich.D.E. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. Tradução de Apresentação de Celso Reni Braidá. Bragança Paulista. Editora Universitária São Francisco, 2006.

Recebido em: fevereiro de 2010.

Aprovado em: agosto de 2010.